

humanitas

Vol. LVII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HUMANITAS

Vol. LVII • MMV



CATROGA, F., "O magistério da História e a exemplaridade do 'grande homem'. A biografia em Oliveira Martins" (pp. 243-288): Excelente revisión de la concepción histórica y del pensamiento de Oliveira Martins, quien, junto al análisis de las "grandes tendencias universales de la historia", tampoco descuidó la referencia a individuos que entran en el concepto de "Gran Hombre" y que ilustraban igualmente sus principios.

El perfil que resulta de este retrato es el de una excelente obra sobre un tema planteado de forma muy inteligente. También se desprende de su lectura y de su edición, como señalé al comienzo, una reflexión sobre los excelentes frutos que pueden surgir de la feliz colaboración entre instituciones universitarias, en este caso (y no es casualidad) portuguesas y españolas. La abierta y generosa actitud del Instituto de Estudios Clásicos de la Universidad de Coimbra y de la Imprensa Universitaria, correspondidos por la Universidad de Málaga, lo han hecho posible. Es un camino que hay que seguir y, como en el caso de la biografía, un *exemplum* y un *speculum Universitatum*.

EMILIO SUÁREZ DE LA TORRE

PIMENTEL, Cristina de Sousa; LEÃO, Delfim F. e BRANDÃO, José Luís L. (coords.): *Toto notus in orbe Martialis. Celebração de Marcial 1900 anos após a sua morte* (Coimbra e Lisboa, Instituto de Estudos Clássicos da Univ. de Coimbra e Departamento de Estudos Clássicos da Univ. de Lisboa, 2004) 326 pp. ISBN 972-9057-20-6.

Abre este livro que tenho nas mãos um epigrama de Marcial (X 24), no qual o poeta de Bilbilis comemora o seu aniversário, em concreto o quinquagésimo-sétimo:

Ó calendas de Março em que nasci,
dia mais belo de todas as calendas,
em que até as moças me enviam presentes,
pela quinquagésima sétima vez coloco,
sobre os vossos altares, bolos e este incensário...

Poucos anos depois, no ano 103 ou 104, morria o poeta. Mas em Roma, como explicam os Coordenadores deste livro, mesmo após a morte de uma pessoa continuava a celebrar-se o seu aniversário, o seu *dies natalis*. Foi assim que, cumprindo-se nas calendas de Março de 2004 o décimo-nono centenário do nascimento de Marcial, o Departamento e o Centro de Estudos Clássicos da

Universidade de Lisboa, o Instituto e o Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, e a Associação Portuguesa de Estudos Clássicos tiveram o laudável acordo de dedicar à memória de Marcial umas Jornadas Científicas, celebradas em Lisboa a primeira, em Coimbra a segunda. O resultado dessas Jornadas é o que encontramos agora neste volume.

Inaugura a colectânea um texto dum dos maiores mestres da Filologia clássica portuguesa, o Doutor Walter de Medeiros, titulado "A cinza falante do Poeta na celebração dos 1900 anos da morte de Marcial" (pp. 5-11). Consiste numa formosíssima lembrança, escrita nessa invejável prosa poética do Prof. Medeiros que vocês conhecem melhor do que eu, e na qual assistimos à última viagem do poeta – é dizer, à das suas cinzas, que irão dar não ao rio Salo, o rio de Bilbilis (hoje o Jalón) mas ao Tejo de Lisboa, que Marcial citara em diversas ocasiões. Porém, nesta comovida evocação das cinzas do Poeta encontramos, para além de um elogio poético, uma notável lição do Doutor Medeiros, a reflectir o carácter saudoso, tão nosso, de Marcial, que sente saudades de Bilbilis enquanto se acha em Roma, e saudades de Roma quando volta para a Hispania trinta e quatro anos mais tarde. Quisera dispor de tempo para ler o texto completo, mas devo conformar-me com o parágrafo final, que decerto evoca a situação de Marcial na memória perdida das gentes do nosso tempo:

"A cinza lançada ao rio atinge, anónima e deslassada, a sua foz: e emudece. A faúlha, que a reanimara, mergulhou no grande mar, o Oceano: detrito extinto, para sempre. Assim, do teatro encenado, que forma perdura? O horizonte ambíguo, no segredo - remoto e inalcançável - que os vivos não sabem decifrar" (p. 11).

Por este arco de triunfo entramos nos trabalhos científicos, sendo o primeiro o titulado "Política e história nos Epigramas de Marcial", de Maria Cristina de Castro-Maia de Sousa Pimentel (pp. 13-31). A Professora de Lisboa doutorou-se precisamente com uma tese intitulada "A *adulatio* em Marcial", facto que se percebe no tratamento magistral do tema proposto. Um assunto dos mais problemáticos na poesia de Marcial, sempre acusado por causa das constantes adulações aos imperadores Tito, Domiciano, Nerva e Trajano, os quais governavam aquela Roma em que ao poeta coube em sorte viver – e não apenas aos imperadores, como também às personalidades próximas e caras a eles. A Doutora Pimentel suscita o tema a partir daquilo que ela chama "a estratégia da adulação, isto é, a observação dos meios de que o poeta se serviu para conseguir um objectivo: o encómio de um momento - aquele em que vivia e escrevia - e o de quem, nesse momento, detinha o poder" (p. 14). A esse programa acomoda-se Pimentel, sem se deixar levar por anacrónicos juízos de valor que a nada conduzem hoje em dia. Com efeito, como com toda razão conclui a autora deste estupendo trabalho, "E se, volvidos 1900 anos, o celebramos, é sem dúvida porque, postos de lado juízos anacrónicos sobre a sua atitude perante o poder ou

preconceitos morais obsoletos sobre a sua tão apontada amoralidade, sabemos reconhecer nos *Epigramas* a arte e o talento de um grande poeta" (p. 31).

O artigo "Amor e morte em Marcial" (pp. 33-44) de José Luís Lopes Brandão oferece a originalidade de ocupar-se de um tema tão sério como é o da morte nos epigramas de um poeta que, consoante o autor assinala, "canta sobretudo as alegrias da vida, que busca argumentos vivos de Roma, que cultiva um género considerado leve e propenso a desencadear o riso..." (p. 34). Amor, morte, suicídio, são em princípio alheios à poesia do Bilbilitano; não obstante, aparecem com relativa frequência nos seus epigramas, tratados de modo muito humano: neles, achamos um Marcial sem fingimento, comovido pela morte dos amigos, das crianças – inclusive dos escravos. A morte da menina Erócion, que não chegou a completar seis anos de idade, é lembrada com autêntico sentimento em dois epigramas famosos do livro V (5.34; 5.37), e pode servir de mostra de todos eles. Na conclusão adverte-nos Brandão: "A morte, ou a consciência da sua proximidade, em especial quando se trata de amigos, de escravos, de crianças quebranta o equilíbrio emocional: faz extravasar os sentimentos e revela a contradição. Se a morte pode apanhar desprevenido o filósofo, quanto mais o poeta!" (p. 48).

Dois artigos de Jean-Noël Robert, intitulados "Société et *cultus* à l'époque de Martial" (pp. 59-68) e "*Virtus romana et taedium vitae*. Remarques sur l'évolution des mentalités et de la morale à l'époque de Martial" (pp. 69-86) proporcionam ao leitor uma visão muito acertada da sociedade romana na qual vive o poeta e na qual é necessário enquadrar os seus epigramas para os compreender de maneira adequada. O poeta vive numa Roma regida pelo dinheiro, quase que reduzido à condição de um pobre que, como tantos homens de cultura superior, deve resignar-se à condição de cliente para sobreviver. Pobre e marginado, enfrentado a uma sociedade injusta e imoral, longe dos ideais e da moral da época republicana: eis o cenário dos *Epigramas* deste Marcial que "peut être considéré comme le premier poète latin réaliste" (p. 50).

Especial interesse apresenta, para um leitor como quem vos fala, cuja actividade filológica tem como dedicação central o estudo do teatro romano, o artigo "Marcial e o teatro" de Paulo Sérgio Ferreira. Com um conhecimento preciso da situação dos géneros teatrais tradicionais nos cenários de Roma, Ferreira percorre os poemas de Marcial, à procura fundamentalmente de uma informação directa sobre aquilo que está a representar-se nos teatros da capital – bem como do que estão a compor os dramaturgos "amateurs" das últimas décadas do século I – mas também estuda qual é a influência da poesia dramática na própria obra de Marcial. Os teatros, em palavras de Ferreira "territórios privilegiados de observação da realidade quotidiana" (p. 103) resultam óptima fonte argumental para os epigramas, sobre tudo naqueles aspectos que promovem o riso e a crítica; o verso de Marcial está mais próximo da comédia do que da

tragédia, e de maneira especial do mimo, o tipo de teatro realmente vivo no seu tempo. Tudo isto, e muitos outros aspectos interessantes sobre o teatro imperial através da imagem oferecida por Marcial, acha-se neste excelente trabalho.

Em Marcial, junto com o seu amigo Juvenal, temos dois dos melhores fotógrafos de um momento especialmente curioso da história romana; nos *Epigramas* podemos ir à procura da fruição estética, que sem dúvida achamos em muitos deles; mas também a buscar informação segura sobre os mais variados aspectos das instituições, usos e costumes daquele tempo, tão diferente e tão semelhante ao nosso. Neste contexto insere-se o artigo "Marcial e os banhos em Roma" (pp. 117-136), de Isabel Graça, que nos oferece um estudo sobre os epigramas (muitos, por certo) que tratam sobre os banhos, e faz o seu percurso analítico com rigor e sem prejuízos, sem evitar mesmo os argumentos escabrosos, como pode ser o da luxúria nos banhos, onde descobrimos que eram correntes manifestações de voyeurismo, prostituição, etc. Não tem problema, esta estudiosa, em analisar coisas tão curiosas como, por exemplo, a fama que tinham os Judeus de possuírem órgãos sexuais de grandes dimensões, elemento a destacar numa sociedade na que, segundo explica Graça, "Eram as regras do mercado a funcionar: maior inflação do pénis, maior custo para o consumidor" (p. 134).

A seguir com Marcial como documento do seu tempo, mas de um ponto de vista muito diferente, vem o excepcional trabalho do Professor de Aveiro João Manuel Nunes Torrão sobre "Autores de referência na obra de Marcial" (pp. 137-159). Como indica o autor, o valor da informação oferecida pelo poeta é múltipla, porque nos permite ter algum conhecimento de "toda uma série de escritores de que possuímos pouca ou nenhuma informação quer se trate de contemporâneos quer de autores mais antigos" (p. 137); por outra parte, apreendemos quais são as preferências poéticas do próprio poeta, quais os seus autores mais amados e mais citados, coisa essencial para um melhor conhecimento da sua poesia. Este percorrido tem uma estrutura muito adequada: começa Torrão pelos autores de epigramas, passa depois aos escritores gregos, que não são muitos, e vai por fim aos latinos, a começar pelos menos citados, até chegar a Vergílio, para Marcial o expoente máximo da poesia latina. Eis a conclusão deste utilíssimo artigo: "A terminar, importa sublinhar que a opção pelo epigrama limitou seguramente Marcial nas suas referências a outros autores literários, mas, mesmo assim, não o impediu de mostrar, de forma clara, a sua simpatia por um conjunto de autores entre os quais poderemos salientar, entre os contemporâneos, Lucano e Sílio Itálico, e entre aqueles que já tinham morrido, Cícero, Catulo e o 'imorredoiro' Vergílio" (p. 159).

Desta visão geral das preferências literárias de Marcial passamos a uma outra, mais concreta e de profundas consequências, nos *Epigramas*: estou a falar da afeição do Bilbilitano à poesia de Catulo, magistralmente analisada pelo Professor de Bari, Paolo Fedeli, no seu notável artigo "Marziale Catulliano"

(pp. 162-189). O autor confessa, já no início, o seu propósito de "fare il punto della situazione e introdurre un po' di chiarezza nella sempre più sfrenata ricerca di paralleli che molto spesso sono in realtà pseudoparalleli" (p. 162). As influências de Catulo em Marcial são múltiplas, e o filólogo italiano começa por salientar as semelhanças na estrutura do endecassílabo falécio, os paralelismos no léxico, para passar depois à análise pormenorizada e rigorosa dos casos em que um ou vários epigramas de Catulo servem de modelo aos de Marcial. As comparações realizadas por Fedeli respondem à mestria a que nos têm acostumado os seus trabalhos. Lembremos a sua conclusão: "Un imitatore, quindi? Certo, e non del solo Catullo. Tuttavia nel caso suo, come sempre nella letteratura dell'antichità, imitare non significa semplicemente riprodurre: i modelli esistono, per Marziale come per ogni autore latino, e di essi non può fare a meno una cultura che su di essi si fonda: ma ricrearli e competere con essi in forma più o meno apertamente allusiva rappresenta il massimo omaggio che l'imitatore può offrire ai suoi modelli" (p. 188).

Uma comparação nova e diferente de Marcial com outro escritor latino está no alicerce do artigo que apresenta Delfim F. Leão, intitulado "Zoilo e Trimalquião: duas variações sobre o tema do novo-rico" (pp. 191-208). Parte o autor da indubitável consideração seguinte: "Os tipos sociais, destilados a partir das multidões que habitavam a Urbe, fornecem um catálogo completo de algumas virtudes e de todos os vícios que povoam o universo dos *Epigramas*" (p. 192). Mas entre a rica tipologia de personagens merecedoras de críticas há uma que interessa muito a Marcial, a do novo-rico, que ele representa por meio de Zoilo, um curioso indivíduo que aparece mencionado em nada menos que dezoito epigramas. O estudo desta personagem é feito por Leão estabelecendo como ponto de comparação outro novo-rico que ele muito bem conhece, como estudioso do romance de Petrónio: o liberto Trimalquião, protagonista da famosa *Cena Trimalchionis*. Eis o fruto da comparação: "Marcial concentrou na figura do liberto, com a graça contundente que o caracteriza, os traços essenciais que andavam ligados à imagem do novo-rico, facultando, assim, um elucidativo exemplo do tipo social que verberava. Petrónio evoca, igualmente, as linhas essenciais da mesma tradição satírica, mas, ao imaginar a figura de Trimalquião, concede-lhe densidade psicológica suficiente para torná-lo numa personagem dotada de carácter e de vida própria, muito além da simples ilustração de um tipo social" (p. 208).

Marcial gozou de fama já em vida, segundo ele próprio recorda no epigrama primeiro do livro I, cujo segundo verso dá título latino a este livro que estou a apresentar:

Este é aquele que lê, aquele que reclama
 Marcial, conhecido em todo o mundo
 pelos seus argutos livrinhos de epigramas.

É precisamente destes versos que parte o Doutor Arnaldo do Espírito Santo no seu muito bem documentado e utilíssimo artigo "*Toto notus in orbe Martialis*. A recepção de Marcial na Idade Média" (pp. 209-224). Trata-se de um trabalho que precisa ser lido e não resumido; direi tão só que, depois de nos levar pelos caminhos da cultura medieval da *Gallia* e da *Hispania*, com paragem especial nas obras de Isidoro de Sevilha e de Petrus Comestor, o Professor de Lisboa resume o fruto deste proveitoso percorrido com estas palavras: "A análise que fiz e os manuscritos que nos restam são prova de que Marcial foi lido e conhecido em toda a parte. Lido e aprendido nas escolas na Antiguidade Tardia. Lido em florilégios moralizados. Utilizado no púlpito como fonte de *exempla*, a partir do século XII, pelo menos. Lido integralmente nos ambientes universitários. E quem sabe se lido às vezes às escondidas por aqueles que mais se encarniçaram contra ele. Disso temos um exemplo em Marius Mercator, que não será caso único. De uma forma ou de outra, *Toto notus in orbe Martialis*" (p. 224).

Este trabalho de Arnaldo do Espírito Santo suponho que devia encerrar o conjunto das intervenções comemorativas de Marcial em Lisboa e em Coimbra, porque o livro finda, em realidade, com um estudo de outro tipo, uma autêntica monografia, de cem páginas de extensão, sobre o tema "Marcial en España", escrita por um dos mais importantes latinistas espanhóis, o Professor Juan Gil, catedrático da Universidade de Sevilha. Para a crítica de tão excelente trabalho, publicado em espanhol, precisaria de um tempo de que não disponho: direi tão só que consiste numa apresentação, magistral e documentadíssima, da divulgação e do significado dos *Epigramas* de Marcial na Espanha até a fim do século XVII; um trabalho que resulta imprescindível para conhecer a pervivência de Marcial, mas, sobretudo, muitos aspectos da cultura espanhola (e também portuguesa) anterior ao século XVIII.

Remato já. Nenhum acto lembrou na Espanha o 1900 aniversário de um dos seus filhos mais ilustres na época latina. Em troca, desde as ribeiras do Tejo e "dende as fartas orelas do Mondego", como cantara a Coimbra Rosalía de Castro, eminentes filólogos clássicos de Portugal renderam-lhe, por fortuna, ao poeta de Bilbilis e de Roma esta homenagem que agora podemos achar neste livro formoso, útil, importante, desde agora indispensável para um mais profundo conhecimento de Marcial.

ANDRÉS POCIÑA